REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

DANÇA, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: A DOCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Flavia Pilla do Valle[1]
Vanessa de Ivanoff[2]

Resumo: Este texto consiste em narrar a experiência de ministrar aulas de dança e de movimento corporal das autoras em contextos diferentes de ensino. Quais estratégias foram utilizadas para trabalhar dança online? Quais aprendizados os docentes tiveram nesse desafio? Quais conhecimentos podem ser importantes para promover aulas online de maneira mais satisfatória? Tal processo envolveu busca de materiais sobre a tríade dança, tecnologia e educação, entre outras estratégias. Paralelo a isso, desenvolveu-se um questionário a fim de investigar as percepções dos professores do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) acerca do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Após a análise das respostas, verificou-se a dificuldade ou impossibilidade de desenvolver as aulas práticas. Com essa base, relatam-se algumas das experiências de prática de dança.

Palavras-chave: COVID-19; Prática; Dança.

DANCE, EDUCATION AND TECHNOLOGY: TEACHING IN TIMES OF PANDEMIC

Abstract: This paper consists of telling the experience of teaching dance classes and body movement of the authors in different teaching contexts. What strategies were used to work dance online? What did the teachers learn from this challenge? What knowledge can be important to promote online classes more satisfactorily? This process involved searching for materials on the dance, technology and education triad, among others strategies. Parallel to this, a questionnaire was developed in order to investigate the perceptions of the teachers of the Degree in Dance at UFRGS about Emergency Remote Education. After the analysis of the answers, it was verified the difficulty or impossibility to develop the practical classes. On this bases, some of the dance practice experiences are reported.

Keywords: COVID-19; Practice; Dance.

Introdução

A pandemia do COVID 19 em 2020 desacomodou hábitos e formas de fazer em todas as áreas, nos convidando a criar uma nova arte do encontro (HOMEM, 2020), seja no trabalho, nas relações afetivas ou no que diz respeito ao ensino-

[1] Doutora em Educação pela UFRGS. Mestre em Dança pela New York University e Especialista pelo Laban/Bartenieff Institute, ambos reconhecidos pela UFBA. Tem experiência em dança contemporânea, moderna, balé e nas danças de vertente criativa. Faz parte do corpo docente da graduação em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS). Já atuou na graduação em Dança da ULBRA e UERGS/FUNDARTE e atuou na Especialização em Dança da ULBRA, PUC/RS e Especialização em Arte da FACED/UFRGS. Desde 2013/2 atua junto a CAPES através de programas como o PIBID e/ou RP em Artes. É jurada do Carnaval de São Paulo desde 2017.

[2] Vanessa de Ivanoff é bailarina, professora de dança e acadêmica do curso de Licenciatura em Dança da UFRGS.

VALLE, Flavia Pilla do; IVANOFF, Vanessa de. Dança, educação e tecnologia: a docência em tempos de pandemia. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-15, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

aprendizagem. Rapidamente todos tiveram que se adaptar a uma situação inusitada. No trabalho docente de dança já não era possível atuar a partir dos modos familiares. Este texto busca narrar a experiência de ministrar aulas de dança e de movimento corporal das autoras, ambas professoras, em contextos diferentes de ensino: em cursos livres e na graduação. Os cursos livres são normalmente caracterizados por ter a prática da dança como seu principal propósito (VALLE; HAAS, 2011). Já as graduações tendem a ser constituídas por disciplinas que normalmente são caracterizadas por serem mais teóricas ou práticas. Entendemos que a relação teoria-prática é, muitas vezes, uma divisão dualista com a qual não compactuamos, mas ajuda a esclarecer sobre o desafio que queremos aqui expor, concernente a uma experiência de (ou mais de) caráter prático, que envolve o movimento do corpo na realização de tarefas ou exercícios. Quais estratégias foram utilizadas para trabalhar dança online? Quais aprendizados os docentes tiveram nesse desafio? Quais conhecimentos podem ser importantes para promover aulas online de maneira mais satisfatória? Mais do que dar respostas precisas, a ideia deste texto é compartilhar saberes, fatos, ações, dificuldades, dúvidas e aprendizados obtidos até então, com a consciência de que há, ainda, muito a se pesquisar e aprofundar, tanto no que tange ao material teórico como também no dia a dia da sala de aula virtual, seja ela da graduação ou dos cursos livres.

Visto que as aulas migraram para plataformas virtuais como *Moodle*, *Google Meet*, *Zoom* entre outras, a relação com o Ensino a Distância (EAD) logo emergiu como uma consequência inevitável. Sabemos, entretanto, que o trabalho realizado nesse período não é nem o padrão EAD e nem é o presencial tal qual um dia conhecemos. Um termo foi adotado em nossa universidade para essa situação: Ensino Remoto Emergencial (ERE). “Em contraste com as experiências que são planejadas desde o início e projetadas para serem online, ensino remoto de emergência (ERE) é uma mudança temporária de ensino para um modo de entrega alternativo devido a circunstâncias de crise” (HODGES et al., 2020, p.6, tradução

VALLE, Flavia Pilla do; IVANOFF, Vanessa de. Dança, educação e tecnologia: a docência em tempos de pandemia. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-15, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

nossa)[3]. Nesse sentido, o Ensino a Distância fornece informações e ferramentas para o Ensino Remoto Emergencial, mas é importante reconhecer nossas limitações em oferecer esse formato e, igualmente, reconhecer que não há a intenção de que o EAD ou o ERE substituam o presencial, porquanto vivemos uma situação inusitada e transitória.

Ao pesquisar estudos sobre a relação dança, tecnologia e educação, observamos que há um número significativo de trabalhos que tratam de vídeo-dança, mas não diretamente da educação. Por outro lado, temos literatura que fala sobre educação e tecnologia que inclui os diversos formatos de cursos em EAD. Esse material, entretanto, não fala de dança. Pela falta de informação sobre dança-educação através da tela, que foi um desafio detectado tanto nos cursos livres quanto entre os professores de graduação, decidimos abordar tal assunto nesse texto.

A experiência que narramos aqui teve diferentes fases. Em um primeiro momento, envolveu busca de materiais sobre a tríade dança, tecnologia e educação; participação em cursos online para a vivência dessa experiência; apreciação ou participação de *lives* e congressos online sobre assuntos correlatos; e acompanhamento de avaliações sobre o ERE nos diferentes setores da nossa universidade. Paralelo a isso, desenvolvemos um questionário com perguntas abertas, a fim de investigar e mapear as percepções, ações e sensações dos professores do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) acerca do ERE. Após a análise das respostas, verificamos diversos aspectos, mas há um ponto em comum que nos chamou a atenção: todos destacam a dificuldade ou impossibilidade de desenvolver as aulas práticas. Com isso, passamos a outro recorte na pesquisa, que é relatar algumas das nossas experiências de dança. Com isso, buscamos multiplicar as visões sobre o uso das tecnologias da educação em dança, pois:

[3] No original em inglês: In contrast to experiences that are planned from the beginning and designed to be online, emergency remote teaching (ERT) is a temporary shift of instructional delivery to an alternate delivery mode due to crisis circumstances.

VALLE, Flavia Pilla do; IVANOFF, Vanessa de. Dança, educação e tecnologia: a docência em tempos de pandemia. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-15, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

> O bailarino tem questões específicas sobre o corpo, o movimento e a percepção, através dos quais ele pode investir as ferramentas atualmente existentes. Essas podem também permitir-lhe enunciar essas perguntas de maneira diferente. Mais uma vez, não substituição, mas multiplicação de ângulos de ataque. [...] escrevendo sobre isso, é desejável que os estudantes de dança e os bailarinos interessados abordem um questionamento acerca de ferramentas tecnológicas/ digitais de dentro de suas práticas/ experiências. MENICACCI, 2009, p.105).

Ballet e Outras Modalidades de Dança Online

No que tange aos cursos livres de dança, não é novidade que há algum tempo eles já habitam o universo online: cursos de dança contemporânea, alongamento, *ballet* clássico, dança livre, jazz, entre outros. Em que pese a proliferação de cursos dessa natureza a partir da obrigação do distanciamento, há questões importantes que devem ser levadas em consideração, a fim de que o ensino e a prática sejam eficazes, saudáveis e adequados.

Até março de 2020, nunca havíamos ingressado em uma sala de aula de dança virtual – nem como alunas, nem como professoras – por uma razão que nos parecia óbvia e consistente: não era possível estabelecer uma relação produtiva entre professor-aluno de dança a distância. Algo da ordem do sensorial, da transcendência, que a nós era possível somente em uma sala de aula cheia de gente, aprendendo, trocando, respirando, suando, tocando, ao som da música e da voz do professor.

Portanto, esse foi o primeiro paradigma a ser rompido: foi necessário que abríssemos salas de aula virtuais para ministrar aulas de *ballet* clássico, *ballet* funcional, dança criativa infantil, jazz, dança livre e alongamento – esta última modalidade uma demanda que surgiu paralela à pandemia, além de aulas particulares.

Uma das questões primordiais foi a organização do espaço, ou seja, prepará-lo para a prática de modo a evitar lesões. Os espaços domésticos normalmente estão longe de serem ideais. Então, cada sujeito envolvido teve que lidar com diferentes bem particulares. Um dos aspectos principais foi a conquista do espaço:

VALLE, Flavia Pilla do; IVANOFF, Vanessa de. Dança, educação e tecnologia: a docência em tempos de pandemia. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-15, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

arredando móveis, plantas, tapetes, etc. Além disso, o piso também mereceu atenção: é que o piso ideal para a dança possui certa mobilidade, temperatura e aderência, de modo que pisos de pedra dura e gelada não eram os mais adequados, e os rejuntes também podem machucar o pé descalço. Assim, colchonetes, sapatos de dança e outros apetrechos tiveram que ser mobilizados em cada situação. No caso do *ballet*, quando impossibilitado de adquirir uma barra móvel, uma cadeira ou similar teve que fazer a função de barra. A temperatura do ambiente teve de ser também observada, tal qual Haas et al. (2020, 3'22'') diz "[...] não pode estar sentindo frio, nem pode estar sentindo calor, [...] temperatura ambiente em torno dos 25º, 22º para praticar essa aula de dança. Então tentem dentro do possível perceber essa sensação da temperatura". A professora ainda ressalta que uma ventilação também é indispensável para a prática do exercício físico, e enfatiza que, com "[...] a questão da pandemia a gente sabe a importância de deixar o ar ventilar e a gente poder se mover com bastante possibilidade de ventilação" (HAAS et al., 2020, 3'38'').

Como se vê, o espaço, de fato, constituiu-se em um limitador, obrigando alunos e professores a se adaptar e voltarem sua atenção a algo que, talvez, nas aulas presenciais não devia necessariamente ser uma dificuldade. Entretanto, há algo que merece destaque: apesar desse encurtamento espacial, ao longo do tempo todos foram descobrindo como se movimentar dentro de casa, ou seja, estabelecer outra relação com o próprio espaço, de maneira que em alguns meses já conseguíamos traçar pequenos deslocamentos, medir as distâncias, conter ou expandir os movimentos.

Outro ponto a enaltecer foi o uso de tecnologia para visualização e ser visualizado. No caso da docência, algumas vezes optamos por utilizar dois dispositivos – celular e computador. O celular para captação da imagem, mais afastado para possibilitar a visão do todo; e o computador, se possível conectado a uma TV com tela maior, para auxiliar na visualização dos alunos e, também, para entregar a imagem de outro ângulo da professora, principalmente no caso de

demonstração. É importante referir que, para a utilização do celular, e a fim de evitar a interrupção das aulas, as notificações deviam ser desativadas.

O uso de sonoridades também exigiu que se providenciasse um equipamento potente e se aprendesse sobre a equalização entre a voz e a música.

Filmagem de sequências coreográficas eram algumas vezes disponibilizadas antes da aula para que alunos interessados pudessem se familiarizar com os exercícios, pois, tal qual Siqueira (2002, p. 54-55) ressalta, ao tratar da imagem de vídeo: "[...] no campo de ensino, pretende-se que sirvam às funções de registrar movimentos para que os estudantes possam rever exercícios e frases coreográficas fora da aula". Vale destacar que os alunos visualizam melhor o vídeo se o fundo for neutro e liso, contrastando com o movente, e que a filmagem de mais de um ângulo amplia e melhora a visualização dos deslocamentos e da tridimensionalidade do movimento.

Além da preparação do espaço e da tecnologia, outro ponto importante foi atentar e informar sobre o aquecimento pessoal, mesmo antes daquele realizado regularmente na aula. Isso porque se trata de uma preparação, que pode ser física ou mesmo psicológica. Izabel Gavioli lembra que "[...] o bom aquecimento deixa a nossa testa brilhante" (HAAS et al., 2020, 12'25''). Certas vezes, contudo, antes de preparar o corpo é necessário concentrar-se com o olhar e as sensações voltados para si, talvez se deitar para limpar a mente, sentir a respiração, o corpo e suas partes: seus respectivos pesos, dores, tensões, etc.

Com a pandemia, quando necessário (e possível), alteramos a frequência e duração das aulas, tendo em vista que, com a migração para o formato online, percebemos que os alunos cansavam muito em 90 minutos: chegavam ao final da aula exauridos, física e mentalmente, o que não acontecia na aula presencial. Com uma redução de tempo para 40 minutos, mais dias por semana, o rendimento passou a ser mais satisfatório. Ademais, foi possível verificar que as aulas com menor duração mantêm os alunos mais atentos, dispostos e ativos.

As aulas, devido a todas essas circunstâncias, não eram completas, isto é, optou-se por evitar exercícios com deslocamentos, bem como atividades de maior

VALLE, Flavia Pilla do; IVANOFF, Vanessa de. Dança, educação e tecnologia: a docência em tempos de pandemia. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-15, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

impacto ou que exigissem teto com pé direito alto, como saltos. Nesse sentido, priorizou-se a manutenção das habilidades físicas, do que propriamente desenvolvê-las (eventual acréscimo técnico foi consequência). Dessa forma, para compensar o trabalho cardiorrespiratório e de saltos, sugeria-se corrida ao ar livre, permitida pelas autoridades, assim como pular corda, como propõe Bruyneel, Beauviche e Walters: "pular corda de tênis, que requer pouco espaço e é barato, pode ser recomendado como uma opção útil" (tradução nossa)[4].

Por fim, vale destacar o impacto significativo que as aulas tiveram na saúde emocional dos alunos, que se mantiveram saudáveis e dispostos, o que se mostrou ainda mais fundamental para o seu bem-estar, pois sabe-se que "[...] durante este período, o risco de distúrbios psicológicos relacionados à ansiedade, frustração e estresse é alto, especialmente porque existem muitas incertezas" (BRUYNEEL; BEAUVICHE; WALTERS, 2020, p.150, tradução nossa)[5].

Graduação Online

As experiências narradas a seguir são oriundas de duas disciplinas de caráter teórico-prático ministradas na universidade à qual estamos vinculadas, quais sejam: Estudos em Composição Coreográfica I, que estabelece as bases para Estudos em Composição Coreográfica II; e Análise do Movimento I, que trata da arte do movimento de Rudolf Laban e seus colaboradores. Neste último caso, a disciplina é também a primeira de duas sobre o assunto, lidando com duas das quatro grandes categorias do sistema de observação, análise e descrição: Esforço e Espaço.

Nas disciplinas da Universidade, os professores poderiam optar por fazer aulas síncronas ou assíncronas. No caso das aulas síncronas era preciso, mesmo assim, gravá-las e disponibilizá-las para acesso posterior aos alunos que não se fizessem presentes no horário estipulado. Optamos, no caso das experiências narradas aqui de dança na Universidade, em realizar encontros curtos síncronos

[4] No original em inglês: Rope jumping in tennis shoes, which requires little space and is inexpensive, can be recommended as a useful option.

[5] No original em inglês: During this period, the risk of psychological disorders related to anxiety, frustration, and stress is high, especially since many uncertainties exist.

para o equacionamento de dúvidas quanto à tarefa futura e promover diálogos sobre as atividades da semana anterior. Portanto, os encontros síncronos seriam um reforço, logo, não precisariam ser gravados, pois as tarefas já eram disponibilizadas semanalmente de forma assíncrona na plataforma oficial da Universidade – o *Moodle*.

Para disponibilizar as tarefas no *Moodle*, foi preciso repensar o planejamento e agrupar os assuntos, que às vezes eram abordados ao longo das aulas, e agora precisaram ser condensados para um ou dois encontros, o que não significa que as aulas não tivessem uma continuidade, mas sim que cada conhecimento ganhava uma ênfase em cada semana.

O primeiro encontro foi uma retomada da única aula presencial, que ocorrera meses atrás, antes da interrupção das atividades letivas. Foi composto de um Fórum de Reapresentação, no qual os participantes falavam sobre si. Na disciplina de Composição Coreográfica, foram convidados a falar com especial atenção sobre sua experiência (ou falta de) em criação em dança. Lá inseriam imagens, links de vídeos, falavam de suas referências artísticas etc. O fórum é uma ferramenta do *Moodle* que foi muito utilizada nas disciplinas ERE, pois permite que todos os participantes compartilhem suas discussões e comentem um ao outro, sem a necessidade de estarmos todos juntos ao mesmo tempo. Há também a possibilidade de o aluno só visualizar as postagens dos colegas após sua primeira contribuição, se o professor assim quiser. Dessa forma, o fórum pode até certo ponto suprir as atividades de grupo, de apreciação uns dos outros, de aprender com os outros, de receber um *feedback* por seus trabalhos.

O *feedback* no modo online ganhou atenção especial para as atividades assíncronas, uma vez que se perde a voz e a expressão do corpo.

> [...] apenas sete por cento de toda a comunicação é realizada por elementos verbais, enquanto os elementos da prosódia (tonalidade, intensidade, ritmo e outras características da voz) correspondem a 38 por cento e os da linguagem corporal (postura, gestos e expressão facial) equivalem a 55 por cento (ABREU-E-LIMA; ALVES, 2011, p. 193).

Assim, o *feedback* sanduíche, no qual o feedback sobre comportamentos inadequados é fornecido entre duas ações ou comportamentos positivos, e a Escala de *feedback* que propõe quatro etapas (esclarecer, valorizar, questionar e sugerir), foram estudados e adotados quando necessário (ABREU-E-LIMA; ALVES, 2011).

Os conhecimentos das disciplinas foram apresentados em diversos formatos e destacamos o *YouTube* nessas experiências. Por serem disciplinas eminentemente práticas, o recurso do vídeo foi essencial para demonstrar alguns aspectos do conhecimento, exibir vídeos de grandes artistas e grupos, mostrar trabalhos registrados dos semestres anteriores e, também, como recurso aos próprios alunos, pois puderam gravar suas próprias produções da disciplina, carregá-las no *YouTube* e disponibilizar o link, normalmente como "não listado", nos fóruns dos encontros dos grupos.

Trabalhamos muito com o recurso do vídeo, mesmo no caso do *Power point* narrado, mesclado com captação de imagem e transformado em vídeo (Figura 1). Esses vídeos tiveram duração máxima de 15 minutos e poderiam ser assistidos pelos alunos no seu próprio tempo reservado para as aulas, além de serem complementados nos fóruns e outras atividades da disciplina. Os alunos, por sua vez, demonstraram um domínio considerável dessa e de outras ferramentas, como a edição de vídeos feita no próprio celular, com legendas e outros efeitos.



Figura 1 – Exemplo de vídeos sobre o conhecimento de Análise do Movimento que utiliza voz, escrita, fotografia e vídeo.

Quando os conhecimentos a serem compartilhados através de vídeos curtos são disponibilizados, uma boa estratégia é adotar a sala de aula invertida. Nesse modelo, a inversão acontece porque os alunos estudam o material antes da aula, reservando o espaço da aula síncrona para perguntas, discussões e atividades práticas (VALENTE, 2014). A ideia é ter uma participação mais ativa dos alunos na construção dos conhecimentos.

O exemplo dado a cada semana, pareceu-nos fundamental para esclarecimento do aluno. Se por um lado o exemplo deixa a tarefa mais clara, por outro ele pode ser negativo, pois tende a direcionar o trabalho criativo do aluno. Em Composição Coreográfica I, o aspecto negativo se manifestou mais nitidamente do que na disciplina de Análise do Movimento.

> Exemplos dados pelo professor são uma ótima estratégia para deixar as tarefas claras solicitadas aos alunos. Por outro lado, podem interferir no que os alunos fazem e podar sua forma pessoal de fazê-lo. De qualquer forma, para quebrar a timidez, principalmente para os menos experientes, o exemplo parece ajudar bastante . (LÓPEZ et al., 2013, p. 82).

Houve textos, normalmente capítulos de livro ou artigos, que foram trabalhados através da ferramenta do Questionário do *Moodle*. O questionário era elaborado através de perguntas fechadas de múltipla escolha, verdadeiro ou falso, ou associação de colunas, pois tais modelos permitem a correção automática e o aluno recebe o *feedback* imediato assim que finaliza o questionário. Se ele não acertasse alguma questão, poderia reiniciar a tarefa, tendo até três tentativas, a nota de avaliação deveria refletir seu melhor aproveitamento. A ideia era que o aluno estudasse o texto e não que fosse penalizado por não acertar a resposta. A elaboração do questionário, portanto, envolveu destacar os conhecimentos mais importantes do texto e que deveriam ser enfatizados.

A avaliação foi processual, aula a aula, cada fórum, questionário ou tarefa feita era computada no quadro de notas do *Moodle* e disponibilizada para a visualização do aluno. O *feedback* descritivo de cada fórum era mais importante, pois era pontual, específico e, por vezes, desafiador. Portanto, a nota numérica dos

fóruns era mais ligada ao fazer ou não fazer, independentemente de acertar ou não a tarefa. Os questionários disponibilizavam três tentativas, como já dito, para conseguir a melhor pontuação. Apenas as tarefas finais da disciplina procuravam medir os conhecimentos através de certo ou errado.

No decorrer do processo algumas adaptações foram essenciais. Essas alterações envolveram a flexibilização de tarefas no fórum, isto é, o aluno poderia optar por fazer uma tarefa de vídeo ou uma tarefa escrita, por exemplo. Para a disciplina de Análise do Movimento foram criados *podcasts* com instruções para se improvisar em casa com os elementos coreológicos do movimento. As aulas síncronas começaram a envolver pequenos exercícios corporais compartilhados na tela (Figura 2) (e gravados para acesso posterior dos alunos).



Figura 2 – Registros de exercícios das aulas síncronas.

No trabalho de composição coreográfica, alguns alunos aproveitaram a própria casa como cenário nas filmagens, ou escolheram outro ambiente como inspiração (Figura 3), o que foi sobremodo enriquecedor para o processo criativo.



Figura 3 – Tempos atravessados. Autoria de Chana Manica, Pedro Freitas e Vitória Fedrizzi[6].

[6] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KsUaB6pCUpc&feature=youtu.be>. Acesso em: 02 jan. 2021.

A opção por aulas síncronas não obrigatórias talvez não tenha sido acertada. A baixa participação dos alunos foi desmotivadora para os docentes por dois motivos: um, dificultava que eles mantivessem o ritmo da disciplina e suas tarefas (visto que os prazos para as entregas foram bem amplos desde o início); e, dois, o grupo se sentia esvaziado com a ausência dos colegas. Desenvolvemos algumas estratégias para motivar o pessoal. Citaremos duas também: a primeira, o fomento do diálogo, mesmo por *chat*, para os alunos sem microfone, normalmente através de questões ou comentários de seus trabalhos; e, a segunda, trazendo algumas novidades extras de conhecimento para a disciplina, normalmente contávamos sobre um artigo que lêramos, algo que havíamos aprendido na semana ou algo nesse sentido. A ideia de manter sempre um astral positivo era também no intento de ajudar o pessoal que estava sofrendo com o isolamento social, afetivo e emocional. Mesmo assim, houve uma expressiva evasão no formato ERE, por volta de 40%, tanto no caso das disciplinas mencionadas aqui quanto das disciplinas do curso em geral.

Considerações Finais

Dito isso, acerca das turmas com as quais trabalhamos ao longo de 2020, vale referir que, em geral, com face a toda mudança ou novidade, o trabalho foi se desenvolvendo na base da tentativa-erro-acerto. Os questionamentos e dilemas foram se deslocando: alguns relativamente solucionados e, outros, sobremaneira ampliados. Vieram frustrações, como a dificuldade do espaço físico, de conexão online entre todos e de uma visão ampla e completa do movimento do aluno, assim como perda de alunos e falta de motivação. Por outro lado, isso tudo nos instigou a sair da zona de conforto como professoras: participamos como alunas (para ver, ouvir e perceber como outros professores estavam ministrando suas aulas) de diversas aulas de dança online, tentamos aperfeiçoar a forma de falar, de desmembrar o movimento pela voz, ou seja, tentar transmitir a informação o mais claramente possível. Permanecemos estudando, adaptando-nos e cuidando do corpo, da voz, do espaço. Ao final de 2020, refletimos sobre como foi fundamental

manter as aulas: sentimos que os participantes estavam alegres, saudáveis na medida do possível, que tinham feito descobertas bonitas sobre si, seu corpo, seu movimento, conectados, em certo grau, com a criatividade. E, assim, a nossa conexão pessoal ultrapassou qualquer instabilidade de conexão *Wi-Fi*.

Na Universidade, o acesso à tecnologia mostrou-se um desafio para os alunos mais carentes, e, apesar de recursos e assistência por parte da Universidade, não se sabe o quanto isso realmente repercutiu na não desistência por parte dos alunos nesse novo formato. Contatos foram feitos para tentar avaliar o ERE, mas normalmente aqueles que não estavam conectados são os que não responderam às chefias ou instituições. Outros se adaptaram bem e responderam satisfatoriamente aos encaminhamentos, apesar de reconhecer que a conexão humana, a prática, o contato corpo a corpo é diferente nesse tipo de atividade mediada pela tecnologia. O ERE exige um trabalho de autonomia, maturidade e organização por parte dos alunos, que muitas vezes passavam por momentos tensos devido à pandemia e sem condições emocionais de atender às disciplinas.

É difícil avaliar o que fica dessa experiência para um futuro sem epidemia. Algumas pistas já apontam para a criação de um grande banco de dados e vídeos que poderão ser disponibilizados para o estudo complementar dos alunos, com produções dos professores e dos próprios alunos. Tudo isso envolveu um cuidado suplementar por parte da Universidade, dos professores e de cada disciplina no sentido de proporcionar uma escolha aos envolvidos de disponibilizar ou não sua imagem, seus materiais e produções. Foi um momento de exercício de criatividade para todos, de estudos e experimentos sobre as possibilidades e impossibilidades que a tecnologia nos fornece. Novos procedimentos e estratégias foram elaborados, implementados, aprovados ou readequados para o contingente processo de ensino-aprendizagem.

O verdadeiro perigo seria o de não questionar o que o processo eletrônico/digital comporta na construção da relação pedagógica em dança, nessa colcha tecida pelas relações entre instrutores, instituições e estudantes. Parece-nos que a

introdução de novas tecnologias em dança deve levar a questionamentos específicos quanto a construção dessa relação (MENICACCI, 2009, p.106).

Não pretendemos apresentar aqui soluções definitivas para a problemática do ensino de dança online, mas, isto sim, vislumbrar alternativas viáveis para o prosseguimento desse formato de ensino ainda necessário. Nesse sentido, no intuito de fomentar o debate e apresentar perspectivas, relatamos nossas experiências com o ensino de dança online – tanto no meio acadêmico, dentro do curso de Licenciatura em Dança, quanto no ensino não formal.

Referências:

ABREU-E-LIMA, Denise Martins; ALVES, Mario Nunes. O feedback e sua importância no processo de tutoria a distância. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 189-205, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br /ojs/index.php/proposic/article/view/8643270>. Acesso em: 16 out. 2020.

BRUYNEEL, Anne-Violette; BEAUVICHE, Benoit C.; WALTERS, Kylie. Currículum Development, Implementation, and Evaluation during the COVID-19 Confinenement Period in France. *Journal of Dance Medicine & Science*, v, 24, n. 4, p. 147-152, 2020. Disponível em: <https://www.ingentaconnect.com/content/jmrp/jdms/ 2020/00000024/00000004/art00001>. Acesso em: 14 jan. 2021.

HAAS, Aline; GAVIOLI, Izabel; PALUDO, Luciana; DANTAS, Mônica. *Aspectos de segurança para aulas de dança on-line*. Podcast. Porto Alegre, 2020. Material do Curso de Licenciatura em Dança UFRGS.

HODGES, Charles; MOORE, Stephanie; LOCKEE, Barb; TRUST, Torrey; BOND, Aaron.The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. Educause. *EDUCAUSE Review*, Boulder, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 16 out. 2020.

HOMEM, Maria. *Lupa da alma* – quarentena revelação. São Paulo: Todavia, 2020.

LÓPEZ, Andrea; BOFF, Fernanda; GUARAGNA, Gabriela; VALLE, Flavia. Colocando o corpo em movimento: acumulação de ações do cotidiano. In: ZORDAN, Paola; VALLE, Flavia; PRASS, Luciana; SANTOS, Vera. *Caderno Pedagógico de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro – PIBID/UFRGS*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 84-91.

MENICACCI, Armando. O ensino da dança frente às tecnologias: algumas reflexões. In: WOSNIAK, Cristiane; MEYER, Sandra; NORA, Sigrid (org.). Seminários de dança: o que quer e o que pode (ess)a técnica? Joinville: Letradágua, 2009.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. A imagem na dança contemporânea: técnica corporal e aparato tecnológico. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia. *Lições de Dança III*. Rio de Janeiro: Centro Universitário da Cidade, 2002. p. 53-76.

VALENTE, José Armando. Blended Learning e as mudanças no Ensino Superior: a proposta da sala de aula invertida. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 30, n. 4, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/38645/24339>. Acesso em: 16 out. 2020.

VALLE, Flavia; HAAS, Aline. Formação em Dança no Rio Grande do Sul e sua interface com a pesquisa. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 11, n. 21, p. 22-25, 2011. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Revistada Fundarte/issue/viewIssue/27/49>. Acesso em: 18 jan. 2021.